



“Do chamado dos pais ao clamor dos filhos: Vocação e Missão segundo a Torá”

“From the call of the fathers to the cry of the children: Vocation and Mission according to the Torah”

*Leonardo Agostini Fernandes**

PUC-Rio

Recebido em: 29/04/2023. Aceito em: 04/05/2023.

Resumo: Os livros de Gênesis e Josué são assumidos, neste artigo, como uma moldura para os livros de Êxodo a Deuteronômio, nos quais Moisés é o personagem humano central, protagonizando, por sua vocação e missão, a saída do Egito, a caminhada e o tempo da permanência no deserto. Se o livro de Gênesis, de Adão a José, lança as bases para o protagonismo de Moisés, o livro de Josué representa o testemunho da obediência da fé do seu sucessor, demonstrando a intenção do papel pedagógico da Torá. Nota-se nessa trajetória um percurso descritivo e reflexivo sobre a presença dos que atuaram na pré-história bíblica (Gn 1, 1-11, 32), dos patriarcas antepassados de Israel (Gn 12, 1-50, 26), de Moisés e Aarão (Ex 1, 1-Dt 34, 12), culminando na concretização da promessa da terra de Canaã pela vocação e missão de Josué (Nm 27, 18-23; Dt 31, 23; 34, 9; Js 1, 1-9). Na presente reflexão, não foi possível ser exaustivo, devido ao grande número de citações nas quais os fatos são narrados, envolvendo os personagens citados, mas procurou-se evidenciar o aspecto relacional entre a vocação dos pais e o clamor dos filhos. Do ponto de vista metodológico, a abordagem será feita a partir de recortes das narrativas contidas na Torá e no livro de Josué, considerando o protagonismo de certos personagens.

Palavras-chave: Clamor; missão; Sagrada Escritura; vocação; Torá.

* Pós-doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Università Gregoriana, Roma, 2020). Doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Università Gregoriana, Roma, 2008). Docente de Sagrada Escritura no Departamento de Teologia da PUC-Rio. Membro da Associação Bíblica Brasileira (ABIB), da Associação Bíblica Italiana (ABI), da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), da Society of Biblical Literature (SBL). Membro Associado da Academia Fides et Ratio (AFR). Integrante do grupo de pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento) junto ao CNPq.

E-mail: laf2007@puc-rio.br.





Abstract: *The books of Genesis and Joshua are assumed, in this article, as a framework for the books of Exodus to Deuteronomy, in which Moses is the central human leading character, due to his vocation and mission, the departure from Egypt, the journey and the time spent on the desert. If the book of Genesis, from Adam to Joseph, lays the foundations for the protagonism of Moses, the book of Joshua represents the testimony of the obedience of faith of his successor, demonstrating the intention of the pedagogical role of the Torah. In this trajectory, a descriptive and reflective journey can be noted on the presence of those who acted in biblical prehistory (Gen 1, 1-11, 32), the ancestor patriarchs of Israel (Gen 12, 1-50, 26), Moses and Aaron (Ex 1, 1-Dt 34, 12), culminating in the fulfillment of the promise of the land of Canaan by the vocation and mission of Joshua (Nm 27, 18-23; Dt 31, 23; 34, 9; Josh 1, 1 – 9). In the present reflection, it was not possible to be exhaustive, due to the large number of citations in which the facts are narrated involving the cited characters, but an attempt was made to highlight the relational aspect between the vocation of the parents and the clamor of the children. From a methodological point of view, the approach will be based on excerpts from the narratives contained in the Torah and in the book of Joshua, considering the protagonism of certain characters.*

Keywords: *Cry; mission; Holy Scripture; vocation; Torah.*

Introdução

Uma aproximação atenta aos cinco primeiros livros da Sagrada Escritura – denominados *Torá* pelos judeus da Palestina e *Pentateuco* pelos judeus da diáspora no Egito, responsáveis inclusive pela tradução para o grego (*Septuaginta*), nomenclatura que foi adotada pelos cristãos –, permite perceber uma narrativa envolvente, seja pelo viés literário seja pela ótica da fé.¹

¹ É intenso o debate sobre o processo de formação da Torá-Pentateuco entre os exegetas do Antigo Testamento. Desde 1970, o modelo teórico das Fontes não representa mais a clássica concepção de que esse corpus foi formado a partir da fusão de quatro Documentos (J = *Jahwista*; E = *Elohista*; D = *Deuteronomista*; P = *Sacerdotal*). No momento, há duas tendências mais fortes: a) Na base estariam tradições orais e escritas que deram origem a ciclos narrativos independentes (teoria dos fragmentos), unificados a partir de duas composições pós exílicas (K^D e K^P); b) As tradições deram origem aos ciclos narrativos e estes teriam sido reunidos por um trabalho redacional, que teria culminado em uma obra historiográfica pré-exílica que, no decorrer de quase três séculos, foi sendo reelaborada e acrescida de novos materiais (teoria dos complementos), até alcançar a sua forma quase final por volta de 400 a.C. (ZENGER, Erich [ed.]. *Introduzione all'Antico Testamento*. Brescia: Queriniana, 2005. p. 117-186). Para um primeiro contato, veja-se PURY, Albert de (org.). *O Pentateuco em Questão*. As origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Para um parecer mais recente, veja-se SKA, Jean-Louis. “Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos últimos dez anos”. In: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo



No livro de Gênesis, o ouvinte-leitor tem a impressão de que se encontra diante de um álbum de família que conta a história dos ancestrais da humanidade (Gn 1,1-11,32) e dos antepassados dos filhos de Israel (Gn 12,1-50,26). Estes, pela fé, descendem de Abraão² e, pela carne, descendem de Jacó, pai “biológico” das doze tribos. O patriarca Isaac é o elo que une esses dois personagens centrais da narrativa que, a partir de Gn 37, direciona vivamente a atenção do ouvinte-leitor para José, o primogênito de Jacó com a amada Raquel (Gn 30,22-24).

De Gn 11,27 a 50,26, imensos espaços geográficos são percorridos, de Ur dos caldeus a Harã, objetivando chegar em Canaã, terra para a qual Deus enviou Abraão, a quem prometeu a posse desse território e uma descendência numerosa (Gn 12,1-3). Abraão, por breve tempo, migrou para o Egito (Gn 12,10-20), ao passo que Jacó, já ancião, aceitou se transferir e viver no Egito (Gn 45,16-20; 46,1-7.28-34), onde, inclusive, veio a falecer (Gn 49,29–50,14).

Os dois patriarcas buscaram o Egito para escapar da fome que assolou a região (Gn 12,10-20; 41,53-57; 45,16-20; 46,1-7). Somente Isaac foi proibido por Deus de ir para o Egito, a fim de não comprometer o direito adquirido da posse da terra (Gn 26,1-6). Então, de Ur ao Egito, passando por Canaã, os patriarcas são personagens que percorrem o Antigo Oriente Próximo, em constante transumância, buscando fixação definitiva em Canaã, a terra prometida por Deus.

Vocação e missão podem ser assumidas como chave de leitura da vida dos patriarcas e dos acontecimentos aos quais aparecem envolvidos.

José Amaral de (org.). *Pentateuco*. Da formação à recepção. São Paulo: Paulinas: Abib, 2016. p. 13-87.

² De Gn 11,26 a 17,4 o patriarca foi chamado de Abrão (“pai de muitos”). De Gn 17,5 em diante passou a ser chamado de Abraão (“pai de numerosos povos”). A iniciativa da mudança do nome foi de Deus, representa a sua soberania sobre o patriarca e marca a aliança em função da promessa da descendência numerosa. É uma releitura da primeira promessa declarada em Gn 12,1-3 que começou a se cumprir com o nascimento de Isaac, mas, apesar de já ter gerado e nascido Ismael de Agar (Gn 16), intensificou-se a partir da união com Cetura (Gn 25,1-6) de quem Abraão gerou seis filhos (Zamrã, Jecsa, Madã, Madiã, Jesboc e Sué), dos quais descendem tribos de árabes, madianitas, sabeus e dadanitas. Os filhos citados fazem parte de uma tradição localizada na zona meridional do Negueb e na Arábia norte-oriental. “O texto quer sublinhar, na verdade, que ‘a’ mulher de Abraão é Sara, e que ‘o’ filho é Isaac. Todos os seus demais filhos não são da linhagem divina, e não são verdadeiros herdeiros”. (VOGELS, Walter. *Abraão e sua lenda*. Gênesis 12,1-25,11. São Paulo: Loyola, 2000, p. 179).



Não é uma história que segue ao léu de si mesma, mas possui um propósito: a existência como continuidade dos pais em seus filhos.³

É exatamente com base nesse propósito que a narrativa se desenvolve do livro de Êxodo ao livro de Deuterônimo. O personagem central é Moisés e, ao seu lado, atuaram Aarão, seu irmão, e Josué, o futuro sucessor. Assim, pode-se admitir que o livro de Gênesis tem uma função específica no tocante ao desenvolvimento que segue de Ex a Dt: lançar os alicerces para a grande epopeia que resulta do clamor que os filhos de Israel elevaram a Deus, quando se encontraram imersos na opressão e a resposta de Deus a esse clamor (Ex 2,23-25; 3,7-10).⁴

O presente artigo subdivide-se em duas partes, percorre a narrativa de Gn a Js e verifica a continuidade e a descontinuidade da relação entre pais e filhos sob a dinâmica da vocação em função da missão, isto é, a existência humana e os propósitos divinos que lhe foram confiados.

Por motivos da larga abrangência temática, a abordagem será feita a partir de recortes das narrativas contidas nos cinco livros da Torá mais o livro de Josué, considerando o protagonismo de certos personagens. Não há como ser extensivo nas análises, mas espera-se oferecer uma linha de pensamento capaz de fundamentar e explicar a temática em questão.

1 Livro de Gênesis

O Deus da criação é o Deus da história marcada por promessas, cujo horizonte a ser contemplado é a liberdade que, como dom, concedeu ao ser humano e sobre o qual não abre mão da sua vontade. O dom da liberdade é a principal chave de leitura para a “proibição” de comer o

³ Subjaz a esse propósito a sustentação do dom da vida concedido ao ser humano: “Então, o Senhor Deus plasmou o homem com o pó do solo e insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem tornou-se um ser vivente” (Gn 2,7). A morte pela desobediência, portanto, repugna ao projeto divino. Sem a noção de imortalidade, os filhos de Israel viram na prole a “vitória sobre a morte” como continuidade dos pais nos filhos (FERNANDES, Leonardo Agostini. *Evangelização e Família*. Subsídio bíblico, teológico e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 63-64).

⁴ “A história demonstra que o ser humano, com o poder nas mãos, perde facilmente o sentido real da sua existência e se apodera do próximo, submetendo-o a estruturas opressoras [p. 25] ... O surgimento e a atuação dos profetas, sinal de esperança, comprovam que Deus, apesar das inúmeras infidelidades do povo que escolheu, não o abandonou e sempre se comoveu diante de seus gemidos e clamores [p. 38]” (FERNANDES, Leonardo Agostini. Êxodo: clamor humano e escuta divina. In: ROSSI, Luiz Alexandre Solano; SILVA, Valmor da. *Sofrimento e esperança na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2021. p. 25-46).



fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2,16-17; 3,1-7.11). Sem o mínimo de duas opções (comer ou não comer), o ser humano não teria como reconhecer o seu livre arbítrio e manifestar o seu assentimento como obediência à vontade do seu Criador.

É preciso perceber que graça e bênção precedem a resposta dos progenitores a Deus. Ao lado disto, a felicidade almejada pelo ser humano e a sua plena realização dependem da confiança que é capaz de depositar no agir gratuito de Deus que não fecha os olhos para as suas escolhas erradas, mas, também, não permite que o seu projeto vá à deriva e afunde no falimento.

A opção por comer o fruto, ato de desobediência, ocasionou a perda da graça original. No lugar de clamar por perdão, os progenitores se esconderam ao ouvir os passos de Deus no jardim (Gn 3,8). Se o pedido de perdão tivesse sido feito, talvez a história teria outro rumo e, no lugar, do “medo” de Deus, a humanidade já teria experimentado a graça da misericórdia.⁵

1.1 Os progenitores da humanidade e seus filhos

Os personagens – Adão, *vindo do solo*; Eva, *suscitadora de vida*; Caim, *artífice* (significado incerto); Abel, *sopro*; Set, *substituto*, e seus descendentes (Gn 1,1-6,4) –, são bases humanas para a narrativa genésica que culminará no relato do dilúvio. Este, embora não pareça, atesta a misericórdia de Deus concedida a Noé, à sua família e, por estes, a toda a humanidade que deles viria à existência (Gn 6,5-9,17).⁶

Para Adão e Eva, nomes respectivamente atribuídos ao varão e à virago primordiais (Gn 1,26-27; 2,7.18.21-25), a vocação à perpetuação da espécie humana e a missão de guardiães da criação são claramente expressas sob a bênção do Criador: “Deus os abençoou e lhes disse: Sede

⁵ “Diferentemente das divindades cananeias, o Deus concebido pelo antigo Israel não é Pai no sentido de ‘progenitor biológico do povo’, mas é Pai enquanto criador, protetor e sustentador da vida e da existência das criaturas pela sua autoridade providente diante das necessidades da criação, em particular do ser humano, com o qual estabeleceu uma aliança. A obra de Deus que decide todas as coisas é a misericórdia, porque nela revela o seu mistério de amor que, por justiça, não abre mão do perdão: ‘Ele perdoa toda a tua culpa’ (Sl 103,3)” (FERNANDES, Leonardo Agostini. *Eterna é a sua Misericórdia*. Reflexões bíblicas e Leituras Orantes. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 21).

⁶ BOCIAN, Martin. *Dizionario dei personaggi biblici*. Casale Monferrato: Piemme, 1991. p. 17, 39, 98, 157, 473.



fecundos e multiplicai-vos, tornai plena a terra; submetei-a e dominai sobre os peixes do mar e sobre os pássaros do céu e sobre cada ser vivente que rasteja sobre a terra” (Gn 1,28).⁷

A tarefa dos progenitores é extensiva para toda a humanidade. Entre eles, que foram feitos iguais e complementares, para agirem em paridade (Gn 2,18.21-23)⁸, o domínio é previsto sobre os seres inferiores, os animais; domínio traduzido em respeito e busca do bem-estar do que foi criado. Sob esta ótica, a grandeza do ser humano aparece devidamente expressa no Sl 8.

Se neste salmo, o orante é quem se dirige a Deus como seu interlocutor,⁹ com a criação dos progenitores, porém, o Deus bíblico é quem passou a ter interlocutores. Este é o elemento singular que distingue o varão e a virago dos demais animais na relação com Deus. Se a bênção da fecundidade é comum a humanos e animais, no tocante ao varão e à virago primordiais é a participação do ato criador de Deus, Senhor da vida, que deve se difundir sobre a face da terra.

Sabe-se, pela narrativa, que a morte figura como consequência da desobediência original (Gn 3,1-24). Contudo, a morte não aparece imediatamente experimentada pelos progenitores, mas como trágica ação fratricida entre seus dois filhos: Caim que matou Abel. Não houve clamor de nenhum deles a seus pais, mas um diálogo entre Caim e Deus,

⁷ “Gn 1,28 contém, de acordo com a composição final do *corpus* do Pentateuco, a primeira bênção de Deus para o ser humano, macho e fêmea, realizar a primeira ordem de Deus... A bênção divina sobre o matrimônio humano e a multiplicação da prole, porque permaneceram válidas, após o pecado, foram o início da conquista humana da terra” (FERNANDES, Leonardo Agostini. *Teologia, Antropologia e Ecologia em Gn 1,1-2,4a. Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, Ano XV n. 37, p. 27-46, jan./abr. 2011, p. 41 [27-46]).

⁸ A paridade entre homem e mulher é um dado central na Sagrada Escritura, mas, lamentavelmente, negligenciado ou pouco valorizado. A análise exegético-teológica de Rt 3, mostrando a estreita relação de amor entre Booz e Rute, contribui muito para a compreensão da paridade como projeto de Deus para o homem e a mulher, criados à sua imagem e semelhança (Gn 1,26-27; 2,18-23). Sobre isto, veja-se VIEGAS, Alesandra Serra. *Rute. Uma heroína e mulher forte*. Petrópolis, RJ: Vozes: Acadêmica/ Editora PUC-Rio, 2020. p. 17.

⁹ “O Salmo 8 representa uma experiência histórica que se torna um hino de louvor a YHWH criador, pela qual o orante, membro do povo eleito, expressa a sua fé (v. 2.10), a partir de uma reflexão sobre a identidade e a missão do ser humano diante de si mesmo e da criação” (FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. *Dança, ó Terra! Interpretando Salmos*. São Paulo: Paulinas, 2013. 29). No contexto de aflição sobre uma guerra e a vitória almejada, igual indagação e reflexão sapiencial são feitas pelo orante que reconhece a dignidade do ser humano e a sua fragilidade no Sl 144,3-4 (LORENZIN, Tiziano. *I Salmi*. Milano: Pauline, 2001. p. 526).



devido à aceitação do sacrifício de Abel que pode ser considerado como uma oferta-clamor elevada a Deus.

Como o sangue da vítima oferecida em sacrifício, de acordo com a mentalidade vigente, “subia” a Deus, de igual modo o sangue do fratricídio, pelo qual Caim sacrificou Abel, “subiu” a Deus: “Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama por mim do solo” (Gn 4,10). Nota-se que a responsabilidade perante Deus se torna corresponsabilidade entre irmãos.¹⁰

A voz do sangue é comparável ao clamor dos oprimidos que demanda a prática do direito e da justiça (Gn 18,20; Dt 22,24.27; 2Rs 8,3; Jó 16,18-17). No sangue está a vida, propriedade que pertence a Deus, porque é o seu divino autor.¹¹ O sangue derramado soa como um clamor que se eleva da terra. Se não é percebido pelo ser humano, incapaz de fazer justiça ou porque não a quer fazer, nem por isto escapa aos “olhos e ouvidos” de Deus (2Sm 12; 1Rs 21).

A fim de que a maldade não fosse perpetuada pelos descendentes de Caim (Gn 4,17-24), Deus interveio e concedeu a Adão e Eva outro filho, Set, para que ocupasse o lugar de Abel. Um dado singular reside na genealogia presente em Gn 5,1-32: Deus, criador do ser humano, está na origem do ser humano. De acordo com a concepção semítica, é o varão quem gera a sua prole.¹² Set aparece como se fosse o primogênito de Adão,

¹⁰ Os relatos de Gn 1-11 talvez adquiriram forma e coesão durante o exílio dos judeus em Babilônia (597-538 a.C.). Nesta situação, a vocação e a missão do profeta Ezequiel foram importantes para estabelecer o critério da responsabilidade pessoal perante Deus e para demonstrar o impacto que os pecados pessoais e coletivos acarretam para a sociedade como um todo (FERNANDES, Leonardo Agostini. *Ez 3,16-21: Ezequiel como sentinela e suas implicações socioreligiosas*. *Revista Caminhando*, São Paulo, v. 26, p. 1-12, jan./dez. 2021).

¹¹ “O sangue, na concepção bíblica, identifica-se com a vida, tanto de animais quanto dos seres humanos. A concepção de Yhwh, como Criador da vida, faz dele também seu Senhor, o único que detém autoridade dela e, por isso, todo o sangue é sagrado e pertencente a Yhwh” (NANDI, Leandro Edmar. *Caim como Paradigma de Violência em Gn 4, 1-16* [Dissertação de Mestrado. Departamento de Teologia da PUC-Rio]. Rio de Janeiro, 2016, p. 109. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=27541@1>).

¹² Segundo a mentalidade semita, o homem é quem gera o seu filho. A mulher era, apenas, quem fazia crescer o filho no seu ventre. É como se encontra nas genealogias bíblicas: “livro da genealogia de Adão” (Gn 5,1); “Essas são as genealogias dos filhos de Noé” (Gn 10,1); “Essas são as genealogias de Sem” (Gn 11,10); “Essas são as genealogias de Taré” (Gn 11,27); “Essas são as genealogias de Isaac” (Gn 25,19); “Essas são as genealogias de Aarão e de Moisés” (Nm 3,1). O evangelista Mateus não fugiu à regra, mas deu um passo a mais ao citar cinco mulheres na genealogia de Jesus (Tamar, Raab, Rute, a mulher de Urias e Maria: Mt 1,1-17). Sobre Maria,



gerado à sua imagem e semelhança (Gn 5,3) e a genealogia termina com o gerado de Lamec, Noé, que aos quinhentos anos gerou Sem, *pai dos semitas*, Cam, *pai dos africanos*, e Jafé, *pai dos asiáticos* (Gn 5,32).¹³

1.2 Noé e seus filhos

Se em Gn 1,28 encontra-se o primeiro mandamento bíblico, apontando a multiplicação da prole como fundamento para o futuro da existência do ser humano na face da terra pela fecundidade, Gn 6,1-4 deixa o ouvinte-leitor perplexo, pois parece contradizer tal mandamento.

Se estaria diante do falimento na busca da perpetuação da vida através da prole? Talvez, sim, se a fecundidade tiver sido entendida como um comércio entre classes inferiores (“filhas dos seres humanos”) e classes superiores (“filhos de ’Elōhîm”).¹⁴ A eleição de Noé e de sua família, porém, atesta o contrário, pois reafirma o plano original de Deus para a humanidade.

Frente à degradante e descontrolada situação, que clama aos céus, Deus decidiu intervir. Não há como remediar. É preciso refazer a humanidade. Como um novo cepo derivou de Set, do qual descendeu Noé, por seus três filhos a face da terra foi novamente povoada (Gn 9,1).

O justo Noé, aos olhos de Deus (Gn 6,8), foi vocacionado para a missão de salvar o que frutificou dos humanos e animais. É o clamor da vida. Na verdade, é Deus em ação, envolvendo e fazendo partícipe a sua sublime criatura nos seus desígnios salvíficos. Às

disse apenas que era esposa de José e que dela “nasceu Jesus chamado Cristo” (Mt 1,16). José não gerou Jesus de Maria. Lucas, à diferença de Mateus que partiu de Abraão (Mt 1,1), seguiu outra lógica: “filho de...”. Não mencionou alguma mulher e, em ordem crescente, foi de Jesus, “filho, como se acreditava, de José”, até Adão, “filho de Deus” (Lc 3,23-38).

¹³ “A lista, típica de Gênesis, não diferencia entre pessoas e nações, mas nomeia setenta descendentes de Noé através de seus três filhos. Os descendentes de Jafé se estabelecem na área norte e oeste do Crescente Fértil; Cam ao redor do Mar Vermelho, nordeste da África e Canaã; e Sem, no Crescente Fértil e na Península Arábica. Esta lista de dez gerações, de Noé a Abraão, é paralela às dez gerações de Adão a Noé no capítulo 5. Não prioriza nenhum dos povos, mas nomeia todos eles como beneficiários da aliança que Deus fez com Noé após o Dilúvio” (COOK, John E. *Genesis*. Collegeville, Minnesota: Liturgical Press, 2010. p. 34-35).

¹⁴ O delito narrado em Gn 6,1-4 parece ser a reinterpretação de mitos e foi usado como introdução para o relato do dilúvio. O foco é a vitalidade e a duração da espécie humana que busca vencer os laços da morte (KRAUSS, Heinrich; KÜCHLER, Max. *As Origens*. Um estudo de Gênesis 1-11. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 165-171).



instruções dadas se seguiu a execução (Gn 6,13-22). A crise da história foi enfrentada pelo critério indispensável: a obediência a Deus e à sua vontade. Foi assim que as águas do dilúvio não tocaram em Noé, sua família e nos animais que colocou dentro da arca até que elas baixassem (Gn 7,1-8,22).

Pela construção e uso da arca, constata-se um êxodo da maldade “sepultada” sob as águas. Parece que se está diante de uma prolepse do êxodo do Egito que possui uma forma narrativa mais eloquente: não se flutua sobre as águas em uma arca, mas se marcha a pé enxuto, sob o cajado de Moisés, diante do mar aberto que, novamente, “sepulta” os malvados opressores.¹⁵

No relato do dilúvio, um aceno particular recaiu sobre os filhos de Noé após terem saído da arca. A intenção é clara: evidenciar o filho Sem, não tanto em relação aos seus dois irmãos, mas em particular em relação a Noé. Maldição e bênção despontam como consequência diferenciada da reação dos filhos diante da nudez do pai. Cam é como Caim, mas, graças à intervenção de Noé, que o rebaixou à condição servil, não levou a melhor sobre os irmãos.¹⁶

Assim, a bênção dada a Sem, sob a qual se apoia a de Jafé, tornou-se prelúdio da bênção que a humanidade há de receber em Abraão. Ao se tornar “pai da fé” dos filhos de Israel, essa bênção tende a se dilatar para todos que reconhecerem a benevolência divina dada a Abraão.

¹⁵ A relação de Moisés com Noé desponta clara quando se diz que a mãe, para salvar o seu filho, colocou-o em uma cesta calafetada de betume (Ex 2,3). Seguindo a tradição judaica: “No dilúvio, Noé e seus familiares foram salvos por que de Sem descenderá Moisés, o libertador” (FERNANDES, Leonardo Agostini. Onde estiver a Torá, estará meu servo Moisés. In: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de (org.). *Pentateuco. Da formação à recepção*. São Paulo: Paulinas: Abib, 2016. p. 172 [169-190]). O dilúvio e as pragas do Egito, sob a perspectiva bíblica, não constituem, em si, atos meramente destruidores e punitivos, mas são um recomeço, respectivamente, como renascimento do bem e libertação da maldade (KRAUSS; KÜCHLER, 2007, p. 202-203).

¹⁶ “É certo que a ruptura da relação com o pai conduz a romper também o vínculo de fraternidade. Explica-se, assim, a maldição de Noé a Canaã, descendente de Cam já bendito por Deus (cf. Gn 9,1), e a sua redução à escravidão, e a bênção reservada aos outros dois filhos (vv. 24-27). Trata-se de Sem, do qual descenderão – através de Abraão (cf. 11,10ss) – os Israelitas que no tempo da monarquia (começando por Davi) conseguirão dominar as populações cananeias, englobando-as no seu sistema político” (CAPPELLETTO, Gianni. *Genesi (Capitoli 1-11)*. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2000. p. 176).



1.3 Abraão e seus filhos

Sob duas promessas condizentes com a vida, descendência numerosa e terra promissora, a vocação e a missão de Abraão abrem uma nova página após o evento que trouxe a recriação da humanidade no mundo. Se em Gn 1-11, Deus se ocupava de tudo, a partir de Gn 12,1 passou a se ocupar de Abraão e de seus dramas, constituindo relacionamentos com a humanidade pela mediação estabelecida com o futuro patriarca.

Os dramas de Abraão, segundo a narrativa, têm a ver com três situações: a morte de Arã, seu irmão mais novo, a esterilidade de sua esposa Sara e a migração para Canaã sob a ordem de seu pai Taré que, provavelmente, faleceu em Harã sem completar o percurso (Gn 11,27-32). Some-se a isto a responsabilidade para com Ló, seu sobrinho e filho de Arã (Gn 12,4-5).

Abraão, chamado a ser pai de uma multidão de povos, tornou-se órfão pela morte de Taré e dependente do Deus ao qual decidiu ouvir, servir e seguir com generosidade e abertura de coração.¹⁷ Estava casado com Sara, mas sem filhos. Sua “paternidade” foi inicialmente exercida nos cuidados que dispensou ao seu sobrinho Ló, para quem se revelou resgatador (gō’ēl), a fim de livrá-lo dos reis que invadiram e saquearam Sodoma e Gomorra (Gn 14,1-16).¹⁸

¹⁷ A fé de Abraão, de Isaac e de Jacó, segundo as narrativas bíblicas, não pode ser classificada como monoteísmo, isto é, como devoção a um único Deus e total exclusão de outras divindades, mas de henoteísmo ou monolatria pelas quais, livremente, o ser humano escolhe cultuar um único Deus, sem excluir ou negar que os outros povos tenham e cultuem outras divindades. Essa acepção subjaz ao critério de identificação presente na formulação: “Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó”, o Deus dos patriarcas que se revelou como o Deus do pai de Moisés (Ex 3,6). “Essencialmente é uma maneira de exprimir a continuidade das gerações e, assim, a necessidade de uma obediência fiel ao Senhor do povo... Do caráter moral desse Deus, de seu poder e de seu amor paternal são testemunhos não só os relatos do Gênesis, mas também os antigos nomes teofóricos” (BACH, Daniel. “Monoteísmo”. In: CENTRO: INFORMÁTICA E BÍBLIA ABADIA DE MAREDSOUS (direção). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Loyola: Paulinas: Paulus: Academia Cristã, 2013. p. 919-921).

¹⁸ Duas expedições militares revelam que Abraão é uma bênção para as nações frente à péssima escolha que fez o seu sobrinho Ló (VOGELS, Walter. *Abraão e sua lenda*. Gênesis 12,1-25,11, p. 86-88). É de se notar que no ciclo de Abraão, Sodoma e Gomorra, no primeiro momento, foram salvas pela atuação militar do patriarca que foi resgatar o seu parente (Gn 14); no segundo momento, de Sodoma e Gomorra subiu um clamor a Deus, devido à perversidade delas (Gn 18,16b-33). Entre a decisão de eliminá-las e a sua execução, está a questão sobre a justiça de Deus: punirá o justo com o ímpio? Mais uma vez, nota-se a relação com Ez 3,16-21; 18,1-32; 33,1-33. Considerado profeta, Deus não escondeu de Abraão a sua decisão (Gn 20,7; Am 3,7). A “barganha” de Abraão com Deus reflete a prova da sua paternidade não apenas em



Não houve um clamor de Ló pela ajuda de Abraão, mas este, pelo costume vigente, sabia-se responsável pela libertação de seu sobrinho. Vocação e missão interagem. Nessa narrativa, um dado singular recai sobre o fato de Abraão ser denominado “hebreu”, terminologia usada na história de José e sem um explícito vínculo com os filhos de Israel (Gn 39,14.17; 40,15; 41,12; 43,32).¹⁹

Para um casal que envelheceu sem filhos haverá esperança? Diante da crise, a solução humana confronta-se com a divina. A falta do herdeiro das promessas é o clamor que ocupa o centro do relato. Deus é o único que pode fazer promessas, pois é quem conhece todas as coisas e sabe o que acontecerá no curso da história. A missão do ser humano, enquanto agente partícipe na construção da história, é atuar não como expectador, mas como sujeito protagonista ao lado de Deus. Assim, obediência, esperança, paciência e recomeço envolvem Abraão e Sara em sua saga e revelam os elementos fundamentais que caracterizam a vocação e missão que receberam.

De acordo com a cultura, apoiada na legislação do Antigo Oriente Próximo, Abraão pensou em adotar seu servo Eliezer de Damasco, mas Deus lhe reafirmou a promessa (Gn 15,1-21). Sara, fazendo uso do seu direito de propriedade, permitiu que Abraão tivesse um filho com a sua serva Agar e nasceu Ismael (Gn 16,1-16). Apesar de ter sido acolhido e abençoado por Deus, Ismael não é o filho do qual descenderá o povo eleito (Gn 17,1-27; 18,1-16; 21,1-7).²⁰

No ciclo de Abraão, o patriarca é quem mais clama a Deus para que a promessa da prole se cumpra. Viveu da fé diante da crise da história. Porque Abraão acreditou, Deus o justificou. Assim, fé e justiça se tornaram a base da aliança entre Deus e Abraão. Sobre essa base, Deus concedeu a vida tanto a Ismael como a Isaac, livrando-os da morte (Gn 21,8-21; 22,1-19).

relação a Ló, mas que se estende sobre os que considera justos aos olhos de Deus (LOZA, José. *Gênesis 12-50*. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2007. p. 45-46).

¹⁹ É possível pensar que a filha do faraó tenha reconhecido na criança, que chorava dentro do cesto, o sinal da circuncisão, razão pela qual disse: “é uma criança dos hebreus” (Ex 2,6). Com isto, criou-se um vínculo entre a lei dada a Abraão e Moisés (HOUTMAN, Cornelis. *Exodus* (Volume 1). Leuven: Peeters, 1993. p. 283-284).

²⁰ “Esta relação aprofunda-se ao mesmo tempo que outros temas se desenvolvem, em particular a relação entre Abraão e Sara que, aqui, a aliança pretende ajustar, mas também a relação com o estrangeiro (Agar, os visitantes, o povo de Sodoma) e, bem claro, a bênção” (WÉNIN, André. *Abraham (Genèse 11,27-25,10)*. Un guide de lecture. Paris: Editions Du Cerf, 2017. p. 32).



Nos nomes subjazem os significados atrelados a Deus e às suas ações condescendentes: em Ismael, Deus escuta e em Isaac, Deus sorri. Na iminência da morte de Ismael, Agar viu o poço (Gn 21,8-21) e Abraão, na execução da ordem divina sobre Isaac, viu o carneiro preso no arbusto (Gn 22,1-19). Deus, nos dois casos, apareceu como libertador da opressão. Ouviu a voz do pequeno Ismael e ouviu a profissão de fé de Abraão (“Deus proverá, meu filho” – Gn 22,8). Estas ações prenunciam a libertação do êxodo do Egito, pois Deus ouviu o clamor do povo oprimido e lembrou-se da aliança feita com os patriarcas (Ex 2,23-25; 3,7.9).

A libertação de Isaac, em particular, retoma a promessa e expressa a resposta de Deus à fé obediencial de Abraão. Com Isaac, filho da fé que venceu uma grande provação, teve início a descendência da promessa, pela qual “todas as nações da terra serão benditas” (Gn 22,18).

1.4 Isaac e seus filhos

Antes do relato da morte de Abraão, narra-se o casamento de Isaac com Rebeca, uma descendente de Nacor, irmão de Abraão (Gn 24,1-67). O casamento entre parentes era comum, buscando assegurar que os bens ficariam em família.²¹ Ao se consumar o casamento, na tenda que fora de Sara, atesta-se o amor de Isaac por Rebeca e o projeto de Deus prossegue. Assim, se atribui um sentido teológico para a morte de Sara. A gruta de Macpela e a tenda não são locais antagônicos, mas suportes para a sucessão e a continuidade das promessas divinas.²²

²¹ Nm 27,1-11 e 36,1-12 atestam a regulamentação da herança não só em favor dos filhos, mas também das filhas. Sobre o direito da mulher à herança de seu pai, veja-se: SCHWAMBACH, Cristiane Voigt. *O direito da mulher à herança em Nm 27,1-11 e 36,1-12. Análise exegética, social e teológica*. [Tese de Doutorado – Departamento de Teologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro] Rio de Janeiro, 2022. 275p. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/59541/59541.PDF>.

²² “Com relação à função de Gn 23,1-20, mostrando que uma geração passa e outra chega, nota-se que, estrategicamente, não somente a entrada de Sara em cena é antecedida por genealogias, mas também sua saída de cena é antecedida por um relato genealógico (Gn 22,20-24). Contudo, a relação entre Sara e a genealogia de Rebeca não é de ruptura, mas de continuidade. Rebeca, a futura esposa de Isaac, será introduzida na tenda de Sara (Gn 24,67) e dará continuidade à missão de levar a cumprimento as promessas divinas de posteridade, bênção e terra (Gn 24,59-60; 25,23)”. A intenção é fazer que os episódios possam fluir na narrativa (DIAS, Elizangela Chaves. *A Vida de Sara e o Cumprimento da Promessa-Aliança: Exegese Narrativa de Gn 23,1-20* [Tese Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro, 2016. 299p. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27718/27718.PDF>).



Não existe um ciclo narrativo sobre o patriarca Isaac como se encontra para Abraão e Jacó.²³ Para este entrar em cena, com todas as vicissitudes que são narradas, Isaac figura não só como elo entre o avô e o neto, mas como intercessor por Rebeca, pois era estéril como Sara.

Gn 26 parece ser o único capítulo em que Isaac “atua” como personagem central, mas os episódios são paralelos aos de Abraão (Gn 12,10-20; 20,1-18; 21,22-23). Dado singular, porém, surge na proibição de descer ao Egito. A razão recai sobre a renovação das promessas quanto à terra e à descendência.²⁴ As dificuldades precisam ser devidamente enfrentadas e superadas.

A esterilidade de Rebeca é a primeira dificuldade. À diferença de Abraão, Isaac suplica e Deus escuta a sua oração. Tal prontidão na resposta não deveria causar perplexidade, pois se está diante da progressão demográfica que realiza Gn 1,28; 9,1 e que será um dos principais fatores para o medo do faraó que decidiu oprimir duramente os filhos de Israel (Ex 1,7-14).

A segunda dificuldade deriva da resposta divina (Gn 25,22-26), pois, no ventre de Rebeca, havia dois filhos que, antes de nascerem, já litigavam a ponto de a futura mãe questionar Deus. Ouvida, Rebeca veio então ao conhecimento da rivalidade que existiria entre dois povos, respectivamente os filhos de Jacó, israelitas, e os filhos de Esaú, edomitas. Esta revelação possui o seu peso no momento em que Rebeca decidiu ajudar Jacó a interceptar a bênção de Isaac.

A terceira dificuldade diz respeito à escolha de Jacó para a continuidade do projeto de Deus, envolvendo enganos, astúcias, fraudes, fugas,

²³ Sobre Isaac: “Os relatos que nos transmitem a experiência humana e de fé são poucos e, além do mais, colocados entre a aventura do pai Abraão (nascimento: 21,1-8; sacrifício: 22,1-19; matrimônio com Rebeca: c. 24) e a do filho Jacó (início da ‘descendência [toledot] de Isaac’ com o nascimento dos seus filhos Esaú e Jacó: 25,19-28; fraude de Jacó que lhe subtrai a bênção: c. 27; Isaac favorece a fuga de Jacó: 28,1-5; morte do patriarca, sepultado pelos filhos reconciliados: 35,27-29). Apenas no c. 26 possui o papel de protagonista” (CAPPELLETTO, Gianni. *Genesis (Capitoli 12-50)*. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2001. p. 112).

²⁴ “Por que introduzir o personagem Isaac na tríade dos patriarcas, entre Abraão e Jacó? A razão, a meu ver, é simples. Abraão nasceu em Ur dos Caldeus, fora da terra prometida. Jacó vivera vinte anos em Harã, longe de sua pátria, e morrerá no Egito. Nem um nem o outro viveram toda a sua vida na terra prometida. Somente Isaac nasce, cresce, vive e morre na terra de Canaã... Isaac é o único patriarca que dá aos seus descendentes o pleno direito à posse da terra, porque nunca a deixou” (SKA, Jean-Louis. *O Antigo Testamento explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 41).



grosserias etc. A provável razão repousa sobre as características de Esaú, violento caçador (símbolo dos predadores do deserto), e de Jacó, homem pacífico e pastor (símbolo dos seminômades). Ficam em evidência as preferências de Isaac por Esaú e de Rebeca por Jacó. Prevaleceu a da mãe, logo a de Deus e de seus planos.

Contudo, a tensão entre os dois irmãos se projeta em seus pais. Rebeca, com astúcia semelhante à de Sara, orienta Jacó sobre o modo como deve proceder para interceptar a bênção de Isaac em função da continuidade e dos propósitos contidos nas promessas divinas. A obediência de Jacó à sua astuta mãe evoca a obediência de Abraão à voz de Deus (Gn 21,12).

Se Eva seduziu Adão e ambos comeram do fruto (Gn 3,1-7), Rebeca ajudou a enganar Isaac, a fim de que a bênção não recaísse sobre o violento filho caçador, mas sobre o pacífico filho pastor. Revoltado, então, Esaú decidiu perseguir e matar Jacó por ocasião dos funerais previstos para o seu pai Isaac (Gn 27,41). Esaú e Jacó podem ser vistos como uma releitura de Caim e Abel sob diversos aspectos. Graças à reconciliação, o desfecho não foi o mesmo.

Se há um clamor na relação entre Isaac, Rebeca e seus filhos, é por justiça. Esaú, porque decepcionou seus pais, casando-se com mulheres hititas (Gn 26,34-35), e porque não foi abençoado (Gn 27,34.38). Rebeca interveio, mas, sem revelar as intenções de Esaú, declarou-se amargurada pelas noras hititas e provocou Isaac a determinar que Jacó fosse encontrar uma esposa na casa de Labão. Mantém-se, desse modo, a tradição de se casar em família (Gn 24).²⁵

Jacó sofreu durante a sua estadia na casa de Labão, irmão de sua mãe, mas aprendeu lições e destas fez uso para se livrar das maldades de seu tio trapaceiro, conseguindo o apoio de suas esposas (Gn 24,29-31; 29,1-30; 30,25-32,3). Ao fugir da casa de Labão, com suas esposas, Jacó clamava por libertação. Regressar para Canaã equivale ao êxodo

²⁵ Isaac e Rebeca, seguindo a decisiva vontade de Abraão, também aparecem contrários ao matrimônio misto e, do ponto de vista da narrativa, antecipa-se a legislação contida em Ex 34,15-16; Dt 7,2-4; Esd 9-10; Ne 13,23-24. Nota-se, na narrativa, a provável mão da corrente sacerdotal (“P”), a fim de regulamentar as uniões matrimoniais entre os filhos de Israel e, assim, evitar a “contaminação” religiosa, considerada nociva na educação da prole (KAWASHIMA, Robert S. *Literary Analysis*, p. 96 [83-104]; STEINBERG, Naomi. A. *The World of the Family in Genesis*, p. 294 [p. 279-300]. In: EVANS, Craig A.; LOHR, Joel N.; PETERSEN, David L (ed.). *The book of Genesis: composition, reception, and interpretation*. Leiden/Boston: Brill, 2012.



primordial que o patriarca Abraão havia feito quando foi chamado por Deus em Harã (Gn 12,1-3).²⁶

1.5 Jacó e seus filhos

Jacó reviveu a trajetória de seu avô Abraão, mas em uma condição mais favorável, pois voltou para Canaã com duas esposas (Lia e Raquel), duas servas concubinas (Zelfa e Bala), onze filhos homens (Rúben, Simeão, Levi, Judá, Dã, Neftali, Gad, Aser, Issacar, Zabulon e José) e uma filha (Dina), além de servos e numeroso rebanho (Gn 29,33–32,22).²⁷

Cada um dos filhos de Jacó foi concebido e veio à luz como resposta ao clamor-desejo das suas esposas em disputa pela atenção e amor privilegiado do patriarca. Evidencia-se um aspecto singular da mensagem teológica: o desígnio salvífico de Deus se concretiza através de meios humildes e até pelas frágeis e conturbadas relações humanas. Deus não eliminou as limitações humanas, mas delas se serviu e assim foram lançadas as bases para a compreensão dos altos e baixos que envolveriam as futuras tribos de Israel e suas conturbadas relações.

Enquanto o olhar de Jacó, desde o início, se voltou para Raquel, a amada (Gn 29,30), Deus se voltou para Lia, a não amada, e a tornou fecunda (Gn 29,31). De Lia descendeu Levi, do qual nasceu Moisés e Aarão (Ex 2,1-2; 6,20), tribo eleita para os serviços sacerdotais, e Judá, tribo da qual nasceu Davi, o rei segundo o coração de Deus (1Sm 13,14; 16,7-13; Sl 89,21).

Contudo, o amor de Jacó por Raquel não foi desprezado por Deus. José, primogênito de Raquel, foi o responsável pela salvação de todo

²⁶ É plausível pensar que na dinâmica do processo de formação do Pentateuco, pelo viés de uma perspectiva literária e teológica, a ida de Jacó com sua família e bens de Harã para Canaã, revivendo a trajetória de Abraão no momento da vocação, permite ser vista em chave exodal e, portanto, serviria de prelúdio e esperança para o regresso dos exilados de Babilônia para Judá-Jerusalém após o edito de Ciro em 538 aC.

²⁷ Dina não foi citada em nenhuma lista dos filhos de Jacó. Em Gn 34, reapareceu violentada por Siquém que, porém, por ela se apaixonou e decidiu se unir a ela em casamento. A solução esbarrou em questões familiares e culturais. Dina ficou em segundo plano, um sujeito passivo durante todas as tratativas. Sobressai, de forma proléptica, o problema dos matrimônios mistos e pesa o fato: “um povo separado” não deve se misturar com outros povos. O desfecho é dramático e cruel, Simeão e Levi, valendo-se da debilidade causada pela circuncisão dos varões da cidade, mataram Hemor e Siquém, respectivamente, pai e filho, bem como os varões; sequestraram Dina e fizeram enorme espólio. Jacó desaprovou o feito (LOZA, José. *Gênesis 12-50*, 2007, p. 142-144).



clã durante a fome que assolou a região, bem como de Benjamim, o ultimogênito de Raquel, de quem descenderia Saul, que foi ungido como o primeiro rei de Israel (1Sm 9,26b–10,8.17-27; 11,12-19).

Gn 35 propõe “um término” para o ciclo de Jacó. Não é, porém, a sua história que chega ao fim, mas, sim, a de Raquel, que morre ao dar à luz a Benjamim (Gn 35,16-20), e a de Isaac, que é sepultado por Esaú e Jacó (Gn 35,27-29), assemelhando-se ao que Isaac e Ismael fizeram com Abraão (Gn 25,8-10). Um apêndice oferece a genealogia de Esaú (Gn 36). Dessa forma, aparentemente reconciliados, a narrativa coloca Esaú sobre as montanhas de Seir (Edom) e Jacó na terra de Canaã (Israel), onde seu pai tinha vivido como estrangeiro (Gn 37,1).

Não faltam problemas histórico-literários. Um destes diz respeito à morte de Raquel que já havia sido relatada (Gn 35,16-20), mas parece viva pelas palavras de Jacó a José: “Que sonho é este que fizeste. Acaso, deveremos vir eu, tua mãe e teus irmãos nos prostrarmos por terra diante de ti?” (Gn 37,10). Jacó segue como importante personagem, mas em segundo plano sob a sombra de José. De fato, morreu diante de José e de seus irmãos no Egito (Gn 49,29-33).

1.6 José, seus filhos, seus irmãos e os egípcios

José, nome que significa *que se acrescenta*, protagonizou, por causa de seus sonhos, o difícil quadro das relações, que vão consideradas e interpretadas como alusões e sinais da vida cotidiana em família. Foi vendido para ismaelitas/madianitas a caminho do Egito, por sugestão de Judá aos demais irmãos, com exceção de Ruben que pretendia devolver José a Jacó (Gn 37,12-36).

Contudo, José superou adversidades, conquistando o posto mais alto da administração do Egito. Por suas habilidades, manteve o seu clã e os egípcios com vida durante a grande carestia, por ele prevista, e que assolou toda a região. Por isto, pode ser considerado o primeiro israelita bem sucedido da diáspora.²⁸ Sob essa perspectiva, a diáspora judaica

²⁸ O protagonismo de José, de modo antecipado, indica o futuro regime monárquico pelo qual os filhos de Israel se submeteram a um líder que foi tirado do próprio povo como descrito em Dt 17,14-15 (SKA, Jean-Louis. *Antigo Testamento*. 2. Temas e Leituras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 27-28). Sob o viés da liderança, algo semelhante se constata, por exemplo, nas reformas empreendidas por Neemias e Esdras, dois judeus da diáspora bem sucedidos que protagonizaram a reestruturação material e espiritual de Judá-Jerusalém, inaugurando a nova fase da religião denominada judaísmo. O



deixou de ser um castigo e se tornou ocasião para a renovação acontecer e reencaminhar a história do povo eleito.

Da miséria, José passou ao êxito. Um autêntico *shālôm*.²⁹ Percurso sapiencial pelo qual se demonstra que a humilhação do justo, semelhante ao clamor por libertação, foi transformada em glorificação. A principal característica de José é o temor de Deus; fugiu do mal e se manteve na prática do bem.³⁰ Antecipou, em sua vida e ações, o que se encontra sintetizado no Decálogo (Ex 20,1-21; Dt 5,6-22). Por ficar do lado justo e certo, experimentou o Deus-Justo ao seu lado.

As vicissitudes de José são preliminares e serviram para preparar o caminho da sua ascensão ao grau de grão-vizir de todo o Egito. Ao encargo somou-se o matrimônio com *Asenat*, filha de *Putifar*, sacerdote de *On*³¹, com quem teve dois filhos (Gn 41,37-57): *Manassés, ele me fez esquecer* (a maldade dos irmãos), e *Efraim, ele me tornou fecundo* (pela força do perdão). Por essa união, querida pelo

principal objetivo foi o de recuperar a identidade e a missão dos judeus, como povo eleito, fundamentadas na promulgação da Torá (STEINS, Georg. I libri di Esdra e Neemia. In: ZENGER, Erich [ed.]. *Introduzione all'Antico Testamento*. Brescia: Queriniana, 2005. p. 417 [p. 399-420]).

²⁹ O substantivo *shālôm*, em grego *eirēnē* e *pax* em latim, é comumente traduzido por “paz” e está correto. Contudo, a carga semântica não é equivalente nas três línguas. Mais do que uma oposição à guerra, concepção greco-latina, em hebraico indica a oposição a tudo o que na vida não gera e não contribui para o bem-estar e a prosperidade completa do ser humano. Com isso, *shālôm* se aproxima do sentido mais profundo de salvação, bem que vem de Deus e realiza o ser humano em plenitude (BECK, Harmut. Pace. In: COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans. *Dizionario dei concetti biblici del Nuovo Testamento*. Bologna: EDB, 1996. p. 1129-1133).

³⁰ José, por sua sabedoria, se opôs à sedução da mulher do seu patrão. Em José transparece o que se poderia chamar de idealização do homem virtuoso e sábio como se encontra nos ensinamentos da sabedoria personificada contidos em Pr 1-9 e exemplificados em Pr 31,10-31 (MAZZINGHI, Luca. *Il Pentateuco sapienziale*. Proverbi, Giobbe, Qohelet, Siracide, Sapienza. Caratteristiche letterarie e temi teologici. Bologna: EDB, 2012. p. 53.58-60).

³¹ *On* é Heliópolis, isto é, “Cidade do Sol”, na qual se cultuava o deus Sol (*Ra*). Então, o sacerdote era oficial e possuía um grande papel político. José ascendeu à mais alta casta da nobreza que então governava o Egito. De modo provavelmente proposital o nome de quem comprou José dos ismaelitas e do pai da sua esposa é quase o mesmo, *Pôtifar*, designado por duas atribuições: “conselheiro ou eunuco do faraó” e “chefe da despesa ou da guarda” (Gn 39,1); e *Pôtí pera* (Gn 41,45). As duas formas significam: “aquele que *Rē doou*” ou “doado pelo deus *Ra*” (Sol). Nas duas ocorrências, encontra-se o envolvimento com uma mulher. No primeiro caso, a esposa de *Pôtifar*, não identificada por nome, que ardeu de desejo por José. Logo, uma união ilícita. No segundo caso, a filha de *Pôtí pera*, chamada *Asenat* (“aquela que pertence à deusa *Neit*”), que foi dada em matrimônio a José. Logo, uma união lícita (LOZA, 2007, p. 179).



faraó, José passou a integrar, de modo pleno, a nobreza da corte. Tal ato, além de indicar dignidade, também atestava a total submissão de José ao faraó.³²

Da elevada colocação de José se passa ao âmbito das relações com seus irmãos e com todo o Egito. O motivo foi a carestia. Diante de José, seus irmãos, sem o saberem, buscaram auxílio e tiveram que se inclinar todas as vezes que vieram ao Egito comprar víveres e, assim, cumpriu-se o sonho de José narrado em Gn 37,5-12. Os eventos são dramáticos. O ponto alto recaiu sobre a exigência da vinda e permanência de Benjamim ao qual, como complicação, se atribuiu o furto da taça de José (Gn 41,53-44,17).

A astúcia de José serviu como teste para saber se os irmãos ainda eram cruéis. Não à toa Judá, que atuou na sua venda para os ismaelitas/madianitas (Gn 37,25-28), falou e tocou o coração de José, ao aceitar ser escravo no lugar de Benjamim para não causar a morte do pai (Gn 44,18-34). O choro de José foi o seu clamor de libertação e a maldade dos irmãos foi vista como ação divina (Gn 45,1-2.7).

Deus tudo permitiu para salvar Jacó, seu eleito, e seu clã (Gn 45,3-15). Nota-se a histórica continuidade dos favores divinos feitos a Noé, a Abraão, a Ló e a Isaac. A chave é a obediência da fé que equivale ao que Deus disse através de Habacuc sobre a distinção de posturas: “Eis que sucumbe quem não possui vida reta, mas o justo viverá por sua fidelidade” (Hab 2,5).

Da assistência e fixação residencial de seu pai e irmãos, como pastores na terra de *Gosen* (Gn 46,1-47,12), se passa à atuação de José em relação aos territórios dominados pelo Egito. Os víveres foram adquiridos em etapas sucessivas por dinheiro, por permuta de animais e enfim por autoescravidão com alienação das terras. Subjaz à fala dos egípcios, “por que morreremos diante de ti”, um clamor não apenas por auxílio, mas pela salvação de suas vidas da fome. O foco recai sobre a política agrária de José, demonstrando porque foi sábio estocar durante os sete anos de fartura (Gn 41,1-49.53-57). Em pouco tempo, José enriqueceu

³² O faraó das vicissitudes que envolveram José, Jacó e seus irmãos, não pertencia a uma dinastia egípcia, mas aos *hyksos*, um grupo heterogêneo de povos semitas que dominou Canaã e o Egito entre os séculos XVIII-XVI aC. Ahmose I, por volta de 1550 aC, teria expulsado os *hyksos* do Egito e retomado o controle de Canaã (LIVERANI, Mario. *Antigo Oriente*. Storia, società, economia. Roma/Bari: Edizioni Laterza, 2011. p. 341-342).



enormemente os cofres do faraó; só os sacerdotes e seus campos não foram tocados, pois dependiam do faraó.³³

O final do livro de Gênesis e o início do livro de Êxodo (Ex 1,1-7) estão unidos por notícias comuns: entrada de Jacó e seus filhos no Egito (Gn 46,8-17), a morte de Jacó e seus efeitos (Gn 49,29-50,25), e a morte de José (Gn 50,26).³⁴ Criou-se a continuidade da narrativa, mas, principalmente, da garantia da ação salvífica de Deus, a fim de cumprir a profecia de José. Nota-se, porém, uma transição de um clã feito povo para a futura nação dos filhos de Israel.

2 Do livro de Êxodo ao livro de Josué

A trajetória dos filhos de Israel do Egito às estepes de Moab, limite com Canaã, presente em Ex, Lv, Nm e Dt, está centrada na figura do grande líder Moisés.³⁵ Ao lado deste, o irmão Aarão e o fiel auxiliar Josué são coprotagonistas e não meros coadjuvantes.

A vocação e a missão desses personagens estão em função do plano salvífico de Deus que ouviu o clamor dos filhos de Israel, oprimidos no Egito, e decidiu libertá-los, mas também têm a ver com as inúmeras

³³ “Gn 47,13-26 permite dizer que se está diante de uma forte crítica ao sistema de propriedade vigente no Egito, pelo qual esta podia ser alienada por seus donos, de modo que grande parte do território podia pertencer ao Faraó. Por sua vez, a terra de Canaã pertencia exclusivamente a YHWH. Esta foi dada aos filhos de Israel por meio de Josué que a conquistou e a dividiu entre as tribos. Isto significava aceitar um sistema individual de propriedade inalienável” (FERNANDES, Leonardo Agostini. “Por que morreremos na tua presença?”: uma análise de Gn 47,13-26. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 46, n. 128, p. 113-133, jan./abr. 2014, p. 131).

³⁴ Os últimos acontecimentos do livro de Gênesis envolvem o juramento que Jacó exigiu de José (Gn 47,27-31), a bênção que Jacó deu a Manassés e a Efraim, concedendo a este a primazia (Gn 48,1-22), as previsões de Jacó para seus doze filhos (Gn 49,1-28), a última vontade de Jacó no tocante à sua sepultura (Gn 49,29-32), a notícia da morte de Jacó e a execução da sua vontade (Gn 49,33-50,14), o apelo dos irmãos a José, pelo medo da sorte mudar (Gn 50,15-21), a previsão de José sobre o fim de sua vida, seguido da profecia sobre a visitação de Deus, o retorno para Canaã, o juramento exigido sobre o traslado de seus ossos, a notícia da morte de José e os funerais segundo o costume egípcios (Gn 50,22-26).

³⁵ Um olhar atento para Moisés permite perceber vários traços da sua personalidade, bem como reconhecer os seus diferentes papéis como legislador, nos moldes das ações régias na antiguidade, como juiz, evidenciando a sua ligação com os conjuntos de leis contidos na Torá e, em particular, com os Decálogos (RÖMER, Thomas. Os papéis de Moisés no Pentateuco. In: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de (org.). *Pentateuco*. Da formação à recepção. São Paulo: Paulinas: Abib, 2016. p. 89-107).



murmurações que fizeram durante as etapas da marcha pelo deserto rumo à terra de Canaã: na primeira etapa, do Mar dos Juncos ao Sinai, se encontram em Ex 15,22-18,27 e na segunda etapa do Sinai às estepes de Moab se encontram em Nm 11,1-22,1.

2.1 Amram e seus filhos

A aparição de Moisés no livro de Êxodo é feita de forma anônima. No relato está dito que “um homem da família de Levi tomou por esposa uma filha de Levi. A mulher concebeu e deu à luz a um filho; viu que era belo e o teve escondido por três meses” (Ex 2,1-2).

O primeiro dessa família a receber nome foi o menino, não de sua mãe biológica, mas da filha do faraó, também anônima, que, primeiramente, o reconheceu como um filho dos hebreus, se interessou por ele e somente depois de ter sido amamentado, pela própria mãe biológica sem o saber, deu ao menino o nome de Moisés, vinculado à sua ação: “Eu o salvei das águas” (Ex 2,10).³⁶ No momento em que foi encontrado pela filha do faraó, o pequenino chorava. É o clamor do indefeso em sua cesta calafetada de betume, pela qual foi salvo das águas do rio Nilo (Ex 2,6), como na salvação da humanidade e dos animais na arca de Noé (Gn 6,14).

Antes dos nomes dos pais de Moisés serem apresentados, se vem ao conhecimento de que tinha um irmão, chamado Aarão (Ex 3,14). Eram filhos de Amram e Jocabed, respectivamente sobrinho e tia.³⁷ Em Ex 6,20, Aarão aparece citado na frente de Moisés, dando a entender que era mais velho. Pela narrativa, já se sabe que Moisés, no momento em que foi encontrado pela filha do faraó, tinha uma irmã (Ex 2,7). Seu nome é Miriam, mas só foi revelado no hino entoado pela vitória sobre o exército egípcio após a travessia do Mar dos Juncos (Ex 15,20-21).³⁸

³⁶ “O mais provável e plausível seria admitir a origem egípcia desse nome, talvez oriundo de *ms*, ‘criança’, ou da raiz *mss*, ‘nascer’, ou *msy*, ‘gerar’, ou das formas *mosu* ou *mesu*, significando ‘filho’ – *mosis* significa ‘filho de’” (FERNANDES, 2016, p. 179).

³⁷ Por certo se está diante de um estrito caso de incesto. A lei apodítica que o proíbe se encontra em Lv 18,6-16. Sob a dinâmica da Torá, tal lei não retroage e, portanto, não poderia ser imputada aos pais de Aarão, Moisés e Miriam. Note-se que a lei proíbe relações sexuais no âmbito parental, mas nada se diz sobre a liceidade ou não de vínculos matrimoniais consanguíneos. A proibição acentuava a religiosidade *jahwista* em confronto com a cananeia no que diz respeito ao culto da fertilidade (NOTH, Martin. *Levítico*. Brescia: Paideia, 1989. p. 169-171).

³⁸ A sequência do surgimento dos nomes, Moisés – Aarão – Miriam –, parece ter sido proposital, a fim de ser invertida na notificação da morte de cada um – Miriam – Aarão



Na segunda etapa da marcha pelo deserto, após os filhos de Israel deixarem o Sinai, Míriam, com o apoio de Aarão, conspirou contra Moisés (Nm 12,1-2). O motivo foi o matrimônio de Moisés com uma cushita (etíope).³⁹ Na verdade, porém, tratou-se da rejeição da exclusividade de Moisés como líder, profeta e guia dos filhos de Israel. É a inveja em nível familiar e que faz lembrar da atitude de Caim e Abel, bem como dos filhos de Jacó em relação ao irmão José.

Míriam foi penalizada com a lepra, ao passo que Moisés recebeu a mais nobre definição em toda a Torá: “Moisés era um homem muito humilde, o mais humilde de todos sobre a terra” (Nm 12,3). Neste contexto, Aarão suplicou a intervenção de Moisés a favor de Míriam. E Moisés clamou ao Senhor: “Ó Deus, curai-a!” (Nm 12,13). Nessas ações, prolepse de Lv 14, os elementos sacerdotais e proféticos aparecem combinados e revelam o clamor pela justiça.

2.2 Moisés e seus filhos

De Séfora, Moisés gerou dois filhos: Gersam, *estrangeiro que reside no país*, citado em Ex 2,22; 18,3; e Eliezer, *Deus socorre*, citado em Ex 18,4. Sabe-se que nasceram em Madiã e que, após Moisés aceitar a sua vocação e missão, seguiram com ele e Séfora para o Egito, mas, sem alguma justificativa, regressaram para Madiã. Em Ex 18,1-12 reapareceram com o avô, Jetro, que levou a família ao encontro de Moisés, antes que chegassem ao monte de Deus.

Lacunas e escassez de dados sobre a esposa e os dois filhos de Moisés suscitam questões. Por que não continuaram a viagem com Moisés para o Egito? Que houve com os filhos ao longo da travessia pelo deserto? Por que não foram devidamente considerados, visto que eram filhos do grande líder libertador? Por que tamanho silêncio na narrativa?

– Moisés (Nm 20,1-28; Dt 34,5). Assim, Moisés foi o primeiro e o último na narrativa que oferece o relato completo da sua vida, desde o seu nascimento e maturidade, chegando ao casamento com a madianita Séfora (Ex 2,1-23), passando por sua vocação e realização da sua missão (Ex 3,1–Dt 33,29), até se relatar a notícia da sua morte (Dt 34,1-12).

³⁹ É provável que a referência à mulher cushita seja uma tradição diferente à da mulher madianita ou diria respeito a um novo matrimônio contraído por Moisés na ausência de Séfora (LEVINE, Baruch A. *Numbers 1-20. A New Translation with Introduction and Commentary*. New York: Doubleday, 1993. p. 328).



Séfora, por ocasião do retorno ao Egito ao lado de Moisés, protagonizou a circuncisão de um dos filhos e tocou os “pés” de Moisés com o prepúcio cortado. Tal ação serviu de ritual ou fórmula matrimonial. Supõe-se que o clamor diante do perigo e o provável choro do filho, ainda que não se diga a idade e qual dos dois foi circuncidado, atestam as razões para Séfora protagonizar a ação sacerdotal, livrando Moisés e sua família da morte (Ex 4,24-26).⁴⁰

Após a saída dos filhos de Israel do Egito e, enquanto estavam a caminho do monte de Deus, Jetro devolveu a família para Moisés que acolheu seu sogro com grande reverência. Era de se esperar que algo fosse narrado sobre a família, mas os dois filhos apenas foram citados para, através de seus nomes, expressar dois momentos fundamentais de Moisés: ser estrangeiro e ser socorrido por Deus, ações que também se aplicam aos libertos do Egito (Ex 18,2-4).

Admite-se que o silêncio se ligue ao fato de Moisés ter se casado e ter gerado filhos em uma mulher não israelita, motivos que ocasionaram a murmuração de Miriam e Aarão contra Moisés em Nm 12,1-2. Embora 1Cro 23,14-15 exalte Moisés como homem de Deus, se diz apenas que seus filhos foram contados na tribo de Levi. Nenhuma função sacerdotal lhes foi atribuída. Nota-se, pela índole do texto, que o acento recaiu com maior ênfase sobre Aarão e seus filhos, devido à função de sumo sacerdote que lhes foi atribuída (1Cro 23,13 evoca a bênção sacerdotal formulada em Nm 6,22-27).⁴¹

⁴⁰ No lugar dos “pés” entenda-se o “pênis”. Trata-se de um eufemismo, recurso que também foi usado em Gn 24,2; 47,29; 1Sm 24,4. “Visto que Ex 4,24-26 trata da circuncisão, não se pode negar a sua ligação com a etiologia contida em Gn 17, com a ação de Josué antes de iniciar a conquista da terra prometida (Js 5,2-9) e com a trajetória do rito na história do antigo Israel, em particular no período pós-exílio (Ex 12,44; Lv 12,3; 19,23). A circuncisão tornou-se o elemento distintivo, em função do compromisso com a aliança e das obrigações que dela decorrem (FERNANDES, Leonardo Agostini. Séfora: a mulher proativa que livra o homem da morte (Ex 4,24-26). *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, Ano XXIII, n. 86, p. 59-84, jul./dez. 2015, p. 62-63).

⁴¹ A bênção do Senhor, através de Moisés, é confiada ao ofício sacerdotal por vontade divina em favor de todo o povo e evoca a salvação. A fórmula da bênção poderia ser pré-exílica e em parte se encontra nos Sl 4,7 e 67,2-3. Os filhos de Israel aparecem como uma unidade e a tríplice menção do nome divino sublinha o sentido do *shālôm*: bem-estar e prosperidade (CARDELLINI, Innocenzo. *Numeri 1,1-10,10*. Milano: San Paoline, 2013. p. 282-296).



2.3 Aarão e seus filhos

Devido ao grande número de citações e fatos que envolvem a vida, vocação e missão de Aarão e seus filhos, serão tomados, neste ponto, apenas alguns exemplos em função da temática.

O significado do nome Aarão é desconhecido, mas tem a ver com o substantivo “arca” (*’ārōn*). A primeira citação ocorreu na fala decisiva de Deus para convencer Moisés de sua vocação e missão: “Não existe teu irmão Aarão, o levita? Eu sei que ele sabe falar bem. Eis que virá ao teu encontro. Te verá e em seu coração se alegrará” (Ex 4,14). Assim, Aarão foi feito “boca de Moisés”, isto é, profeta (Ex 7,1). Segundo Ex 7,7, tinha três anos a mais que Moisés.

Após o encontro com Moisés no caminho e de tê-lo feito comparecer diante dos anciãos dos filhos de Israel no Egito (Ex 4,27-31), Aarão protagonizou, ao lado de Moisés, a primeira fala dirigida ao faraó, conforme Deus havia dito.⁴² O clamor dos chefes dos filhos de Israel, por terem sido fustigados pelos superintendentes, pois não cumpriram a meta na fabricação de tijolos, e a revolta deles contra Moisés e Aarão, por se tornarem odiados aos olhos do faraó e dos seus ministros, foram os dois fracassados resultados da primeira tentativa (Ex 5,1-21).

Aarão, através do seu cajado, realizou vários sinais diante do faraó: foi transformado em serpente (Ex 7,8-13), feriu as águas do Egito que se mudaram em sangue (Ex 7,14-25), fez as rãs saltarem das águas (Ex 8,1-3), feriu o pó da terra e vieram as moscas (Ex 8,12-15). Outras seis pragas foram enviadas (Ex 8,16-11,10), a fim de se evitar a décima que fez com que todo o Egito prorrrompesse em um terrível clamor pela morte de seus primogênitos (Ex 12,29-34). Assim, Deus aplicou a *lex talionis* ao faraó pelo mal que havia feito aos neonatos meninos dos

⁴² “Ex 4,27-31 aparece colocado de forma estratégica na narrativa. Por ele se realiza a promessa de que Moisés seria coadjuvado por seu irmão (Ex 4,14-16). É uma promessa ou uma profecia que se cumpre. Concede a Moisés a primeira certeza de que a sua vocação e missão correspondem à experiência que fez do Deus do seu pai, que lhe revelou o seu Nome, no monte Horeb (Ex 3,7.14-15). Se Moisés se tornará o porta-voz de YHWH, isto é, o profeta do face a face, ele, por primeiro, necessitou experimentar a eficácia da presença e da ação de quem se tornou embaixador. O que YHWH cumpre para Moisés prenuncia o que começou a cumprir para todo o seu povo.” (FERNANDES, Leonardo Agostini. *Da reconciliação à execução da missão* (Ex 4,27-31). *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 47, n.133, p. 415-432, set./dez. 2015, p. 416).



filhos de Israel no início da opressão (Ex 1,8-22), razão do clamor por libertação (Ex 2,22-25).

Após a saída do Egito, as murmurações tiveram início por causa da perseguição do faraó, que culminou no afogamento do seu exército no Mar dos Juncos (Ex 14,5-31), da sede, da fome, dos inimigos e dos litígios (Ex 15,22-18,27). Na batalha contra os amalecitas, sob a liderança de Josué, Aarão e Hur sustentaram os braços de Moisés até que se desse a vitória (Ex 17,8-12).

A pior atuação de Aarão ocorreu quando cedeu às pressões dos libertos e confeccionou, com o ouro das jóias, o bezerro da idolatria (Ex 32,1-6.21-24). Fez tal coisa sem saber que já havia sido escolhido, com seus filhos, para exercer, respectivamente, o sumo sacerdócio e o sacerdócio, pois Moisés ainda não tinha descido da montanha (Ex 29,1-30).

Ao lado dessa idolatria, apesar de não receber severa punição, apoiou a sua irmã Miriam na murmuração contra Moisés pela liderança do povo (Nm 12,1-3), a quem suplicou perdão pelo erro cometido e pediu para que intercedesse a favor da cura da irmã (Nm 12,11-12). Eis a função do sacerdócio instituído pelo Senhor Deus.

Segundo uma narrativa paralela a Ex 17,1-7, devido a não glorificação do nome de Deus por ocasião das águas de Meriba, Aarão e Moisés foram sentenciados e impedidos de fazer o povo entrar em Canaã, (Nm 20,2-11; 27,12-14).⁴³ À diferença de Moisés (Dt 3,23-28; 32,48-52), Aarão não discutiu a sentença de Deus. Quanto à morte e sepultamento de Aarão, Nm 20,22; 33,38-39; Dt 32,50 mencionam o monte Hor, ao passo que Dt 10,6 fala que foi em Mosera. Podem ser duas tradições sobre o mesmo local com nomes distintos.

No que diz respeito aos filhos de Aarão, a primeira referência encontra-se em Ex 6,23: “Aarão tomou Elisabeth por esposa, filha de Aminadab, irmã de Naasson, com quem gerou os filhos Nadab, Abiú, Eleazar e Itamar” (mencionados também em Nm 3,2; 26,60; 1Cro 5,29).

⁴³ É possível, através da análise sobre a função dos ossos de José, oferecer outra explicação para a não entrada de Moisés na terra de Canaã. Visto que José foi quem levou Jacó e seus irmãos para habitar no Egito, tocava a José devolvê-los à terra prometida e isto foi feito através de Josué, filho de Nun, da tribo de Efraim. Logo, por meio do descendente direto de José e do filho abençoado por Jacó (FERNANDES, Leonardo Agostini. A função dos ‘ossos de José’: análise de Gn 50,25; Ex 13,19; Js 24,32. *ReBiblica*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 68-91, jan./jun. 2022).



Nota-se que em Nadab, *Deus é generoso*, está contido o nome do avô materno. Nos textos, aparece sempre ao lado do irmão Abiú, *o Senhor é pai*. Ambos foram investidos sacerdotes (Ex 28; Lv 8), mas tiveram um trágico fim: foram devorados por um fogo na presença do Senhor por terem praticado uma transgressão como sacerdotes (Lv 10,1-5; Nm 3,2-4; 26,60; 1Cro 6,3).

Devido a esse ocorrido, Eleazar, *Deus socorreu*, acabou se tornando o primeiro sucessor de Aarão como sumo sacerdote (Nm 20,22-29; Dt 10,6). Ao lado de Moisés, Eleazar ajudou no recenseamento do “novo Israel” nascido no deserto (Nm 26,3), e, ao lado de Josué, atuou na divisão do território de Canaã (Nm 34,17; Js 14,1; 19,51).

A importância de Eleazar transparece ainda na referência à sua morte e sepultamento nas montanhas de Efraim, notícia que encerra o livro de Josué (Js 24,33). A classe sacerdotal sadoquita, que esteve no poder nos tempos de Salomão, deriva, segundo o cronista, de Eleazar (1Cro 5,30). Fineias, filho de Eleazar, protagonizou a sentença contra um israelita que se unira a uma moabita em Baal de Fegor (Nm 25), esteve ao lado dos mil guerreiros na batalha contra Madiã, na qual o vidente Balaão foi morto a fio de espada (Nm 31,1-12), e mediou a questão do altar erigido pelas tribos da Transjordânia, acusadas de rebelião e infidelidade (Js 22).

No tocante a Itamar, cuja etimologia é incerta, há menos informações. Executou a ordem de Moisés sobre o serviço dos levitas em relação aos objetos do tabernáculo (Ex 38,21). Junto com Eleazar, Itamar foi alvo da indignação de Moisés por não terem obedecido às orientações sobre o que sobrou da oblação dos sacrifícios e que deveria ser consumido em um local sagrado (Lv 10,16). O serviço dos gersonitas e dos meraritas, na tenda da reunião, também ficou sob a responsabilidade de Itamar (Nm 4,28.33; 7,8). O grupo sacerdotal ligado a Itamar, durante o reinado de Davi, possuiu oito turmas (1Cro 24,2-18).⁴⁴

⁴⁴ “Os levitas, como os sacerdotes, eram consagrados para o serviço da Tenda por meio de um rito de purificação e de apresentação sacrificial (Nm 8,5-22). Estavam subordinados aos sacerdotes (Nm 1,50; 3,14-39; 5,8.16) e eram divididos em clãs. Estes exerciam funções diferentes: os caatitas preparavam a mesa para a oblação (Nm 4,1-20), os gersonitas faziam o transporte da Tenda e dos seus utensílios (Nm 4,21-26), e os meraritas montavam a Tenda (Nm 4,29-33). Mas, a função principal dos levitas era a de proteger a Tenda Santuário contra os invasores (Nm 31,30.47)” (ANDRADE, Carlos Alberto Mesquita. *A rûaḥ YHWH: análise exegética de Nm 11,24-30* [Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,



A relação sagrada entre Deus e os filhos de Israel aparece definida na primeira declaração que fez assim que chegaram ao monte Sinai: “Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, vós sereis para mim a propriedade entre todos os povos, porque toda a terra é minha. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19,5-6).

Se esse projeto é para todos os filhos de Israel, então, por que Aarão e seus filhos foram escolhidos para exercer, respectivamente, o sumo sacerdócio e o sacerdócio? De fato, não faz muito sentido, mas tal declaração de Deus aos filhos de Israel requer disponibilidade total, visto que se trata de uma aliança que empenha ambas as partes. O objetivo é partilhar a existência.

Pela forma como aconteceu a libertação do Egito, Deus já poderia reivindicar o direito de posse sobre os filhos de Israel, mas, ao invés disso, propôs a livre adesão ao seu projeto por meio da aliança. Nessa declaração, devido à intensidade do vínculo estabelecido, tornar-se propriedade equivale a um contrato matrimonial (Dt 7,6; 14,2; 26,18; Os 2,4-25). Então, se compreende a instituição sacerdotal, pois o sumo sacerdócio e o sacerdócio atestam a total entrega de Deus aos filhos de Israel, pela libertação e manutenção da vida (*ex parte Dei*), e dos filhos de Israel a Deus pelo serviço mediado e pela obediência pessoal (*ex parte homo*).

Deus, habitando no meio do seu povo e atuando através dos seus ministros, revela a razão do seu “abaixamento” (*kenosis*): ser o “Deus conosco” (*‘immanu’el*). Portanto, na ordem para erigir a tenda-santuário e eleger os seus ministros, sintetiza-se o sentido dos altos e baixos da história e da relação sagrada entre Deus e o seu povo, marcado pela ruptura e restauração da aliança que estão no centro da narrativa sobre o bezerro de ouro (Ex 24,15b-40,38).⁴⁵

Departamento de Teologia], 2020, p. 34-35. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/50897/50897.PDF>.

⁴⁵ Parece que seja possível dizer, considerando a ligação temática por processo redacional, que: “A família de Aarão tinha algumas pretensões sobre o sacerdócio de Betel, o que pode ser atestado pelo episódio do bezerro de ouro (cf. Ex 32). A mesma rejeição afetará o culto de Betel, patrocinado por Jeroboão (cf. 1Rs 12,29)” (FREITAS, Thiago. *Análise exegética de Nm 18,1-7: funções e serviços dos sacerdotes e levitas* [Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia], 2019, p. 37. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47534/47534.PDF>).



Neste fator propiciatório da história da salvação, perpetuam-se a memória do clamor dos oprimidos no Egito e a audição de Deus que ouviu e decidiu libertá-los pela mediação de Moisés e de fazê-los herdar a terra de Canaã através de Josué.

2.4 Moisés e Josué

Moisés não foi sucedido por seus filhos, Gersam e Eliezer, mas, por vontade do próprio Deus, por Josué (Nm 27,15-23; Dt 34,9). Desde a batalha contra os amalecitas (Ex 17,8-16), esteve ao lado de Moisés (Ex 33,11; Nm 11,28), e foi o eleito da sua tribo para o reconhecimento da terra de Canaã, quando Moisés, por sua autoridade, mudou-lhe o nome de Oseias para Josué (Nm 13,8).⁴⁶ Ao lado de Caleb, Josué defendeu a conquista da terra frente à palavra dos outros dez emissários que acabaram por incitar o povo à insubordinação. Por isso, Josué e Caleb foram os únicos, da geração que deixou o Egito, a adentrar em Canaã (Nm 14; 26,65; 32,12).

No episódio da idolatria do bezerro de ouro, Josué, que estava no monte com Moisés que recebia o Decálogo nas placas de pedra, ao descer, não interpretou corretamente o clamor que ouviu; pensou que fosse de guerra, mas Moisés o corrigiu: “Não é grito de quem canta: Vitória! Não é grito de quem canta: Derrota! Ouço o grito de quem canta a dois coros” (Ex 32,18).

Em função da sucessão, Josué recebeu a imposição das mãos de Moisés diante de Eleazar, sucessor de Aarão, e da assembleia dos filhos de Israel (Nm 27,18.22). Coube-lhe a missão, ao lado de Eleazar, de repartir o território entre as tribos na Cisjordânia (Nm 34,17). Para obter êxito, Josué foi encorajado tanto por Moisés como por Deus (Dt 1,38; 3,28; 31,7.23; Js 1,6-9).

⁴⁶ “Há uma razão para a mudança. Os dois nomes, Oséias e Josué, vem da mesma raiz hebraica *yś* que, no grau verbal *nifal* (ação reflexiva ou passiva), significa “ser liberto, ser salvo, ser vitorioso”, e no grau *hifil* (ação causativa), significa “causar libertação, salvar, conceder vitória”. Na mudança, Moisés deslocou o sentido da ação, ao passar de Oseias (*hōśē’a*), forma causativa, para Josué (em hebraico *yehśua’* ou *yehōśua’*, forma mais longa), transformou Oseias em um nome teofórico, pois recebeu as iniciais do Tetragrama Sagrado (YHWH), passando a significar “o Senhor é salvação” ou “o Senhor salva” (Js 1,1.9.10).” (DIAS, Elizangela Chaves; FERNANDES, Leonardo Agostini. *O cerco de Jericó*. Análise de Josué 2 e 6. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 21).



Do momento em que fez a sua entrada na história do êxodo do Egito, passando por várias situações no tempo do deserto, e em toda a sua trajetória ao lado de Moisés, até o fim de sua vida, Josué demonstrou ser o lugar-tenente da Torá. É, por assim dizer, o fruto bendito do processo formativo e pedagógico da Torá.⁴⁷ Por isto, são inegáveis as semelhanças de Josué com os profetas, permitindo compreender o caminho da sua ascensão, pois iniciou a sua missão como auxiliar de Moisés, mas a terminou com o mesmo título atribuído ao grande líder: “servo do Senhor” (Js 1,1; 24,29). Por ser um exemplo de obediência de fé, se relatou, inclusive, que Deus obedeceu a Josué quando ordenou que o sol permanecesse no seu lugar (Js 10,14).

Josué, mais do que suplicar e clamar a Deus por ajuda, à diferença de Moisés em Ex 17,4, aprendeu a agir fielmente na sua presença e a favor dos seus desígnios. Assim, em sua vida e missão se constataram a justiça e a retidão, pois sempre soube que era Deus quem combatia pelos filhos de Israel (Js 10,14; 23,3). Nos lábios de Josué não houve clamores de lamentação⁴⁸, mas estava a palavra que buscava encorajar os filhos de Israel a serem obedientes a Deus, seguindo o seu exemplo e colocando em prática a Torá de Moisés (Js 1,6-9; 23,6; 24,14-24).

Conclusão

De Gn 1,1 a Ex 15,21 encontram-se os alicerces da trajetória que vai dos progenitores da humanidade aos libertos do Egito sob a liderança

⁴⁷ “Ao lado de Moisés, Josué aprendeu muitas lições: Entendeu que YHWH não aceita rebeliões, murmurações, lamentações contra sua pessoa e, portanto, age com firmeza nessas ocasiões. Aprendeu que o poder e a vitória não se concentram nas mãos de um general, tudo depende da ação de YHWH. Aprendeu a mais bela lição: YHWH sempre está presente quando o povo é fiel. Aprendeu que o homem nunca conseguirá enganar YHWH, portanto, deve se manter longe do pecado. Respeitou e obedeceu a Moisés, pois sabia que o grande líder e guia do povo era YHWH, portanto, a glória de YHWH deve estar sempre em primeiro lugar” (COSTA, Daise Gomes da. *A Pedagogia de YHWH e o seu povo diante da Lei*. Uma análise de Dt 31,9-13. Petrópolis, RJ: Vozes: Acadêmica/Editora PUC-Rio, 2022. p. 41).

⁴⁸ Js 7,6-9 atesta uma humilhação pessoal de Josué, junto com os anciãos, em forma de rito penitencial. Um comportamento que Moisés assumiu diante de situações semelhantes (Ex 32,11; Nm 14,13-19; Dt 9,6). Contudo, Josué ignorava os motivos da derrota na primeira investida contra Hai. Em função disso, Deus interveio, retirou Josué da prostração e revelou que o hêrem havia sido violado, exigindo a revelação e punição do culpado (HERTZBERG, Hans Wilhelm. *Giosuè, Giudici, Rut*. Brescia: Paideia, 2001. p. 78-81; SICRE, Jose Luis. *Josue*. Estella, Navarra: Verbo Divino, 2002. p. 205-207).



de Moisés. Como os pais se reconhecem nos seus filhos, os antepassados de Israel continuam vivos nos seus descendentes. De Adão a Taré, de maneira universal, e de Abraão aos filhos de Jacó, de maneira particular, Deus revelou o sentido do seu amor salvífico. As doze tribos de Israel, representando os oprimidos no Egito, elevaram o seu clamor de angústia e foram ouvidos por Deus, pois se lembrou da aliança que fez com Abraão e Jacó (Ex 2,23-15). Dado singular pode ser notado nos textos que abrem e fecham essa trajetória, pois Gn 1,1-2,4a e Ex 15,1-21 são respectivamente hinos que cantam a soberania de Deus que cria e livra da opressão.

De Ex 15,22 a Dt 34,12, os libertos experimentaram a providência divina sob diferentes aspectos e diante de adversidades, como a fome, a sede, as batalhas e os litígios internos, que os acompanharam ao longo da marcha rumo à terra de Canaã. Em particular, presenciaram e se certificaram como o seu Deus salvador, além de libertar, garantiu a existência no deserto, onde, humanamente dizendo, a vida não pode existir e muito menos se multiplicar.

A geração que saiu liberta do Egito não entrou em Canaã por sua rebeldia e infidelidade. O desfecho da etapa do deserto se deu com a morte de Moisés e a sucessão por Josué. Sob novo líder, a nova geração dos filhos de Israel pode entrar, conquistar e se instalar na terra prometida. Josué, inserido na narrativa como líder bélico (Ex 17,9), prosseguiu ao lado de Moisés como fiel auxiliar, e terminou a sua missão com o mesmo título do seu precursor: “servo do Senhor” (Js 24,29). Josué, portanto, é o fruto bendito e desejado de todo o processo pedagógico da Torá, elaborado para forjar o fiel, a fim de prepará-lo para viver na obediência a Deus e à sua vontade.

A sequência, *criação–queda–recriação*, representa a principal lógica da narrativa contida de Gn 1,1 a Js 24,33. O fio condutor é a voz audível, compreensível e eloquente de Deus. Josué, nessa lógica, é o “novo Adão” que à diferença dos progenitores, usurpadores do fruto proibido no jardim de Éden, aprendeu a discernir entre o bem e o mal. Escolheu ficar do lado do bem e, por isso, teve êxito em tudo o que fez, exatamente como Deus lhe havia dito (Js 1,1-9).

O percurso realizado procurou evidenciar a iniciativa e a realização do projeto salvífico de Deus, concretizado da forma relacional mais contundente, amorosa e familiar: Deus como Pai e Israel como



filho primogênito (Ex 4,22).⁴⁹ É um ponto alto da relação entre Deus criador e o ser humano criado à sua imagem e semelhança pela força da sua palavra (Gn 1,26) ou feito por suas próprias mãos (Gn 2,7.21-22).⁵⁰

Sob o sigilo da aliança selada no Sinai/Horeb (Ex 19,1-24,18), renovada nas estepes de Moab, sob a liderança de Moisés, com a nova geração nascida no deserto (Dt 28,69-30,20), e ratificada por Josué na solene assembleia de Siquém (Js 24,1-28), este projeto serviu para gerar e fundamentar a identidade dos filhos de Israel, como povo eleito, garantindo a entrada, a posse e a possível permanência em Canaã.

Em cada um dos personagens, evocados neste artigo, é possível perceber clamores ocultos e não ouvidos pelo ser humano, mas nunca ignorados por Deus (Sl 38,10). Ainda que os males decorram da desobediência original dos progenitores, transmitida de geração em geração, nem por isto os clamores deixaram de ser ouvidos por Deus, o único que sonda mentes e corações.

Só Deus pode ir além do som dos clamores que emanam das feridas da carne e ouvir o que se passa no íntimo de cada ser humano, concedendo-lhe o alívio que restaura a sua dignidade pessoal. De modo particular, ao ouvir o clamor repleto de esperança do Servo Sofredor⁵¹,

⁴⁹ Deus, ao declarar que Israel é seu filho primogênito, constitui um relevante dado teológico e antropológico. Deus salvou Israel, seu primogênito, das mãos do faraó que, apesar de ser considerado como divino, foi incapaz de salvar o seu filho primogênito da última praga (Ex 12,12.29-34; 13,1-16). A tradição de Israel como “filho” de Deus está bem atestada em vários textos (Dt 1,31; 8,5; 14,1; Os 2,1; 11,1; Is 1,2; Jr 3,19; 31,9). A ação libertadora de Deus em relação a Israel tem a sua prolepse na ação de Abraão que libertou Ló, primogênito de seu irmão Arã (Gn 11,27) das mãos de Codorlaomor e de seus aliados (Gn 14,1-16). A primogenitura Israel evoca o filho-messias do Sl 2,7 (PRIOTTO, Michelangelo. *Esodo*. Milano: Paoline, 2014. p. 111).

⁵⁰ Esta relação foi sendo cada vez mais cultivada na perspectiva messiânica, pela qual o ungido passou a concretizar a Torá em sua vida através da realeza e do sacerdócio assumidos como senhorio outorgado por Deus sobre os povos e nações (Sl 2; 110). A comunidade cristã reconheceu que em Jesus de Nazaré, confessado Messias e Filho de Deus (Mc 1,1; 8,29; 15,39), essa perspectiva se concretizou plenamente pela fé na sua ressurreição e gloriosa ascensão aos céus (FERNANDES, Leonardo Agostini. *Análise crítica, terminológica, estrutural e das falas sobre o Salmo 2. Rhema*, Juiz de Fora, v. 19, n. 57, p. 27-45, jan./jun. 2021; *Análise do Salmo 110 e releituras no Novo Testamento. Caminhos*, Goiânia, v. 13, n. 2, jul./dez. 2015).

⁵¹ Para uma visão completa e pormenorizada sobre a figura do Servo Sofredor *ad extra* e *ad intra* da Sagrada Escritura, em particular nos quatro cantos isaianos (42,1-7; 49,1-6; 50,5-9; 52,13-53,12), veja-se a excelente obra de SIMIAN-YOFRE, Horacio. *Sofferenza dell'uomo e silenzio di Dio nell'Antico Testamento e nella letteratura del Vicino Oriente Antico*. Roma: Città Nuova, 2005.



Deus assegurou que, em qualquer época e lugar, os seus ouvidos nunca estão longe dos que a Ele clamarem com fé obediencial.

Por meio dessa lógica, o sentido teológico da vocação e da missão é exemplificado na Torá, visto que a sua redação quase final se deu no século V a.C. Ao longo da história do seu povo e na sua relação com os povos circunvizinhos, Deus foi preparando o caminho que conduz para a plenitude da revelação do seu amor (Gl 4,4). Inaugurou-se, assim, a continuidade descontínua da história que alcançou o seu ápice em Jesus de Nazaré, Messias e Servo Sofredor.

No clamor obediencial do Filho Unigênito Encarnado, por quem o pecado e a morte foram eliminados, as portas para o êxodo definitivo da humanidade, enfim liberta e redimida da sentença de morte que a aprisionou desde a desobediência dos seus progenitores, para sempre foram abertas. Portanto, todos os que aprendem a ter e procuram viver dos mesmos sentimentos que foram em Cristo Jesus (Fl 2,5b-11) experimentam a eficácia da obediência da fé: a exaltação do Amor que reside na kenosis de Deus Uno e Trino, Alfa e Ômega de toda a Criação (Is 41,4; 44,6; Ap 1,8; 21,6; 22,13).

Referências

- ANDRADE, Carlos Alberto Mesquita. *A rûaḥ YHWH: análise exegética de Nm 11,24-30*. [Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia] 2020, p. 34-35). Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/50897/50897.PDF>.
- BACH, Daniel. “Monoteísmo”. In: CENTRO: INFORMÁTICA E BÍBLIA ABADIA DE MAREDSOUS (direção). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Loyola: Paulinas: Paulus: Academia Cristã, 2013. p. 919-921.
- BECK, Harmut. “Pace”. In: COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans. *Dizionario dei concetti biblici del Nuovo Testamento*. Bologna: EDB, 1996. p. 1129-1133.
- BOCIAN, Martin. *Dizionario dei personaggi biblici*. Casale Monferrato: Piemme, 1991.
- CAPPELLETTO, Gianni. *Genesi (Capitoli 1-11)*. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2000.



CAPPELLETTO, Gianni. *Genesi (Capitoli 12-50)*. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2001.

CARDELLINI, Innocenzo. *Numeri 1,1-10,10*. Milano: San Paoline, 2013.

COOK, John E. *Genesis*. Collegeville, Minnesota: Liturgical Press, 2010.

COSTA, Daise Gomes da. *A Pedagogia de YHWH e o seu povo diante da Lei*. Uma análise de Dt 31,9-13. Petrópolis, RJ: Vozes: Acadêmica/ Editora PUC-Rio, 2022.

DIAS, Elizangela Chaves. *A Vida de Sara e o Cumprimento da Promessa- Aliança: Exegese Narrativa de Gn 23,1-20* [Tese Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro, 2016. 299p.). Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27718/27718.PDF>.

DIAS, Elizangela Chaves; FERNANDES, Leonardo Agostini. *O cerco de Jericó*. Análise de Josué 2 e 6. São Paulo: Paulinas, 2022.

FERNANDES, Leonardo Agostini. “Por que morreremos na tua presença?”: uma análise de Gn 47,13-26. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 46, n. 128, p. 113-133, jan./abr. 2014.

FERNANDES, Leonardo Agostini. A função dos ‘ossos de José’: análise de Gn 50,25; Ex 13,19; Js 24,32. *ReBiblica*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 68-91, jan./jun. 2022.

FERNANDES, Leonardo Agostini. Análise crítica, terminológica, estrutural e das falas sobre o Salmo 2. *Rhema*, Juiz de Fora, v. 19, n. 57, p. 27-45, jan./jun. 2021.

FERNANDES, Leonardo Agostini. Análise do Salmo 110 e releituras no Novo Testamento. *Caminhos*, Goiânia, v. 13, n. 2, jul./dez. 2015.

FERNANDES, Leonardo Agostini. Da reconciliação à execução da missão (Ex 4,27-31). *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 47, n.133, p. 415-432, set./dez.2015.

FERNANDES, Leonardo Agostini. *Eterna é a sua Misericórdia. Reflexões bíblicas e Leituras Orantes*. São Paulo: Paulinas, 2016.

FERNANDES, Leonardo Agostini. *Evangelização e Família*. Subsídio bíblico, teológico e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2015.



FERNANDES, Leonardo Agostini. Êxodo: clamor humano e escuta divina. In: ROSSI, Luiz Alexandre Solano; da SILVA, Valmor. *Sofrimento e esperança na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2021. p. 25-46.

FERNANDES, Leonardo Agostini. Ez 3,16-21: Ezequiel como sentinela e suas implicações sociorreligiosas. *Revista Caminhando*, São Paulo, v. 26, p. 1-12, jan./dez. 2021.

FERNANDES, Leonardo Agostini. Onde estiver a Torá, estará meu servo Moisés. In: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de (org.). *Pentateuco*. Da formação à recepção. São Paulo: Paulinas: Abib, 2016. p. 169-190.

FERNANDES, Leonardo Agostini. Séfora: a mulher proativa que livra o homem da morte (Ex 4,24-26). *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, Ano XXIII, n. 86, p. 59-84, jul./dez. 2015.

FERNANDES, Leonardo Agostini. Teologia, Antropologia e Ecologia em Gn 1,1-2,4a. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, Ano XV n. 37, p. 27-46, jan./abr. 2011.

FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. *Dança, ó Terra! Interpretando Salmos*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FREITAS, Thiago. *Análise exegética de Nm 18,1-7: funções e serviços dos sacerdotes e levitas* [Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia], 2019, p. 37). Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47534/47534.PDF>.

HERTZBERG, Hans Wilhelm. *Giosuè, Giudici, Rut*. Brescia: Paideia, 2001.

HOUTMAN, Cornelis. *Exodus* (Volume 1). Leuven: Peeters, 1993.

KAWASHIMA, Robert S. Literary Analysis. In: EVANS, Craig A.; LOHR, Joel N.; PETERSEN, David L (ed.). *The book of Genesis: composition, reception, and interpretation*. Leiden/Boston: Brill, 2012. p. 83-104.

KRAUSS, Heinrich; KÜCHLER, Max. *As Origens*. Um estudo de Gênesis 1-11. São Paulo: Paulinas, 2007.

LEVINE, Baruch A. *Numbers 1-20. A New Translation with Introduction and Commentary*. New York: Doubleday, 1993.



LIVERANI, Mario. *Antigo Oriente*. Storia, società, economia. Roma/Bari: Edizioni Laterza, 2011.

LORENZIN, Tiziano. *I Salmi*. Milano: Pauline, 2001.

LOZA, José. *Génesis 12-50*. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2007.

MAZZINGHI, Luca. *Il Pentateuco sapienziale*. Proverbi, Giobbe, Qohelet, Siracide, Sapienza. Caratteristiche letterarie e temi teologici. Bologna: EDB, 2012.

NANDI, Leandro Edmar. *Caim como Paradigma de Violência em Gn 4,1-16* [Dissertação de Mestrado. Departamento de Teologia da PUC-Rio]. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&n_rSeq=27541@1.

NOTH, Martin. *Levitico*. Brescia: Paideia, 1989.

PRIOTTO, Michelangelo. *Esodo*. Milano: Paoline, 2014.

PURY, Albert de (org.). *O Pentateuco em Questão*. As origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

RÖMER, Thomas. Os papéis de Moisés no Pentateuco. In: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de (org.). *Pentateuco*. Da formação à recepção. São Paulo: Paulinas: Abib, 2016. p. 89-107.

SCHWAMBACH, Cristiane Voigt. *O direito da mulher à herança em Nm 27,1-11 e 36,1-12*. Análise exegética, social e teológica. [Tese de Doutorado – Departamento de Teologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro] Rio de Janeiro, 2022. 275p. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/59541/59541.PDF>.

SICRE, Jose Luis. *Josue*. Estella, Navarra: Verbo Divino, 2002.

SIMIAN-YOFRE, Horacio. *Sofferenza dell'uomo e silenzio di Dio nell'Antico Testamento e nella letteratura del Vicino Oriente Antico*. Roma: Città Nuova, 2005.

SKA, Jean-Louis. “Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos últimos dez anos”. In: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de (org.). *Pentateuco*. Da formação à recepção. São Paulo: Paulinas: Abib, 2016. p. 13-87.



SKA, Jean-Louis. *Antigo Testamento*. 2. Temas e Leituras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SKA, Jean-Louis. *O Antigo Testamento explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele*. São Paulo: Paulus, 2015.

STEINBERG, Naomi. A. The World of the Family in Genesis. In: EVANS, Craig A.; LOHR, Joel N.; PETERSEN, David L (ed.). *The book of Genesis: composition, reception, and interpretation*. Leiden/Boston: Brill, 2012. p. 279-300.

STEINS, Georg. I libri di Esdra e Neemia. In: ZENGER, Erich [ed.]. *Introduzione all'Antico Testamento*. Brescia: Queriniana, 2005. p. 399-420.

VIEGAS, Alessandra Serra. *Rute. Uma heroína e mulher forte*. Petrópolis, RJ: Vozes: Acadêmica/Editora PUC-Rio, 2020.

VOGELS, Walter. *Abraão e sua lenda*. Gênesis 12,1-25,11. São Paulo: Loyola, 2000.

WÉNIN, André. *Abraham (Genèse 11,27-25,10)*. Un guide de lecture. Paris: Editions Du Cerf, 2017.

ZENGER, Erich [ed.]. *Introduzione all'Antico Testamento*. Brescia: Queriniana, 2005.